

**“Dia grande e cruel à memória operária”: o caráter anarquista nas comemorações do Primeiro de Maio durante a Primeira República (Rio de Janeiro 1908-1915)**

João Carlos Marques\*

O trabalho tem por objetivo analisar as comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro, durante a Primeira República, entre os anos de 1908 a 1915, por meio das publicações do periódico anarquista *A Voz do Trabalhador*, para compreender o caráter que os militantes da corrente que predominou neste período, o sindicalismo revolucionário, davam à data. As lideranças através da imprensa fizeram grandes esforços para organizar e conscientizar o movimento operário, com textos e imagens libertárias, que durante as comemorações do Primeiro de Maio predominavam nas edições dos jornais aludindo ao “verdadeiro significado” da data.

Na visão anarquista, a data não deveria ser comemorada com festas, em sim um dia dedicado ao luto e luta da classe operária. Luto, pois a data representava o momento de recordar a repressão que o movimento operário internacional sofreu na cidade de Chicago, em 1886, onde no dia Primeiro de Maio daquele ano, os principais centros industriais estadunidenses foram paralisados por uma greve geral. As reivindicações dos manifestantes davam-se em torno de melhorias nas condições de trabalho, sobretudo redução da jornada de trabalho para oito horas.

No Brasil o episódio ficou conhecido por meio da imprensa operária, vários textos com informações sobre esses acontecimentos foram publicados com o objetivo de denunciar que não apenas no Brasil a classe trabalhadora estava sendo massacrada pela sociedade capitalista, considerando assim que o dia deveria ser dedicado ao luto pelos “Mártires de Chicago”.

Além do luto, segundo a visão anarquista, não havia na sociedade burguesa nenhum motivo para comemorar com festas a data, pois “ela não só lembra o sangue das vítimas de Chicago como prova que a burguesia rústica e ignóbil tem praticado todas as misérias na sociedade” (*A Voz do Trabalhador*, 1º/05/1909: 1). A data, para os anarquistas, deveria ser dedicada à manifestação nas ruas, greve geral, luta por melhores condições para o operário e sua família.

Os Sindicalistas revolucionários, através da imprensa, criticavam a forma como os trabalhadores brasileiros, no início da Primeira República “comemoravam” a data. Neste período o caráter festivo predominava nas comemorações do Primeiro de Maio, as festas eram programadas em homenagem ao trabalhador. Segundo os líderes libertários, o motivo que levou a desvirtuação do significado da data dava-se porque os operários desconheciam sua verdadeira origem.

Palavras-chave: Anarquismo, sindicalismo revolucionário, imprensa, movimento operário.

### *Primeiro de Maio: Dia de festa? Dia de luto? Ou dia de protesto?*

A grande manifestação internacional com data marcada, na qual os trabalhadores unidos intimidariam os poderes públicos a reduzir a jornada de trabalho, reivindicando seus direitos, o dia internacional dedicado a paralisações, escolhido pelo movimento operário, foi o Primeiro de Maio. A escolha da data coincide com as Resoluções da Segunda Internacional Operária, realizada em Paris em julho de 1889, estabelecendo que sua primeira manifestação ocorreria em 1890.

No Brasil em 1890 não há registro a respeito de comemorações do Primeiro de Maio, somente em 1981 a imprensa nacional faz a primeira referência a comemoração da data ocorrida no Rio de Janeiro. (PETERSEN, 1981: 31)

Ainda em âmbito nacional as comemorações do Primeiro de Maio, segundo Luciana Barbosa Arêas, permaneceram pouco constantes durante toda a década de 1890, e em alguns anos, como em 1893 as comemorações resumem-se a uma discreta sessão solene. Com a entrada no século XX a data se consolida, acompanhando o processo de desenvolvimento da classe operária, contribuindo para que entre os anos de 1901 a 1929, o Primeiro de Maio fosse comemorado no Rio de Janeiro sem interrupções. As formas e maneiras de marcar a data foram ganhando concepções diferentes daqueles defendidas pelos sindicalistas revolucionários, nas palavras da mesma autora:

[...] salva de tiros na aurora, saudando o grande dia; ida de comissões de operários aos cemitérios para prestar homenagem aos companheiros mortos [...] festivais comemorativos, dos quais constavam geralmente uma conferência, peças teatrais e um baile “familiar”, harmonizando, desta forma, a propaganda da doutrina e a simples diversão. Geralmente à noite eram realizadas sessões solenes nas sedes das associações operárias. (ARÊAS, 1996: 37)

Ou seja, inicialmente no Brasil as comemorações do Primeiro de Maio tinham um caráter festivo nas quais as instituições, ligadas aos operários, realizavam bailes e festas em homenagem ao trabalhador.

Os anarquistas buscavam a legitimação da data apresentado-a como dia de luto pelos “Mártires de Chicago”, em apoio as manifestações ocorridas em primeiro de maio de 1886, na cidade de Chicago, pela redução na jornada de trabalho para oito horas, os manifestantes foram duramente reprimidos pelas autoridades, resultando em outra manifestação definida para o dia quatro de maio do mesmo ano, no momento do tumulto uma bomba de origem desconhecida explodiu no meio dos policiais, a reação foi imediata, o policiais abriram fogo contra os manifestantes. Os principais líderes foram presos e condenados, cinco deles a morte e três a prisão. Os acontecimentos de 1886, na cidade de Chicago, levaram a opinião pública mundial a tomar conhecimentos de que também nos Estado Unidos as idéias libertárias estavam sendo condenadas. O episódio serviu de estímulo à luta e à organização operária. (BILHÃO, 2009: 51)

Nesse sentido, a data para o operariado era compreendida como a mais importante do ano, porém as comemorações no Brasil, da mesma forma que no movimento operário internacional, apresentavam divergências tanto quanto à forma de comemorá-la quanto à sua interpretação.

As divergências eram evidentes, sobretudo entre os anarquistas e socialistas, para os últimos a data deveria ser dedicada à celebração do trabalho, uma homenagem ao trabalhador, pois além de dignificar o homem, o trabalho constitui o grande impulsionador da evolução do mundo.

Os líderes anarquistas criticavam a forma como os socialistas “comemoravam” o Primeiro de Maio, pois para eles não havia, na sociedade capitalista, nenhuma razão para a

realização de festa em homenagem ao trabalho. Por outro lado, a data deveria ser marcada por protestos, greves, boicotes. A “festa do trabalho”, segundo a concepção anarquista, tinha a intenção de iludir os operários, impedindo de participarem em manifestação de protesto, desvirtuando o verdadeiro significado da data.

Apesar de todas as diferenças em torno da forma de celebrar a data, as lideranças operárias entendiam que esse dia deveria ser marcado pela demonstração pública da presença operária nas cidades, fosse através de desfiles ou de manifestação de protesto.

Em 1906 foi realizado no Rio de Janeiro o Primeiro Congresso Operário Brasileiro que, entre suas resoluções, definiu como o “operário consciente” deveria marcar a data, alegando que diante da sociedade capitalista, deveriam se conscientizar e lutar contra a exploração burguesa que tudo rouba do trabalhador:

Considerando:

que o operariado, agrupando-se em sociedades de resistência, afirma por esse simples fato a existência de uma luta de classes, que ele não criou, mas que se vê forçado a aceitar;

que as condições econômicas, fonte de toda a liberdade, são, para o movimento, péssimas, e que o trabalho está escravizado sob o peso das injustiças, tanto que, para o melhorar ou libertar os trabalhadores não tem outro recurso contra o poder e a riqueza acumulados nas mãos dos patrões, senão a associação, a solidariedade dos seus esforços;

que, portanto, não se pode realizar uma “festa do trabalho”, mas sim um protesto de oprimidos e explorados;

que a origem histórica do 1.º de Maio, que nasceu da reivindicação, pela ação direta, das oito horas de trabalho, na América do Norte, e do sacrifício das vítimas inocentes de Chicago, impede que essa data seja mistificada pelas festas favorecidas por interessados na resignação e imobilidade do proletariado [...] ( *A Voz do Trabalhador*, 1/05/1913: 2)

Neste esforço do Primeiro Congresso Operário, em despertar a conscientização da classe trabalhadora surge à idéia da criação de um jornal que levaria aos operários as idéias de organização e reivindicações do movimento operário.

### ***Viva ao Primeiro de Maio: luta e luto pelos “Mártires de Chicago”***

O jornal *A Voz do trabalhador*, que serve de base documental desta pesquisa, teve duas fases, a primeira foi de primeiro de janeiro de 1908 a nove de dezembro de 1909, com a publicação de 21 números. A segunda fase iniciou-se em primeiro de janeiro de 1913 e foi até oito de junho de 1915, com edições quinzenais, oscilando entre 3.000 a 4.000 exemplares. Recebeu edição *fac-símile* em 1985 da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo com a publicação de 71 edições.

Como mencionado, esse jornal surgiu a partir das discussões do Primeiro Congresso Operário Brasileiro realizado em abril de 1906. Segundo Paulo Sergio Pinheiro e Michael Hall, este Congresso representou um importante avanço para o movimento operário brasileiro, “como índice do surgimento geral da consciência operária em todo o país”. (PINHEIRO, HALL, 1979: 41)

O jornal da COB em comparação com outros jornais anarquistas do Rio de Janeiro teve uma vida longa, porém devido à posição que assumia era constantemente reprimido ao ponto de ter sua edição interrompida por um significativo período. Nas palavras de Boris Fausto, o periódico *A Voz do Trabalhador* foi “um exemplo de equilibrada combinação entre a divulgação teórica, a propaganda, a temática do movimento operário.” (FAUSTO, 1977: 94)

O jornal possuía em média quatro páginas com exceção às edições dedicadas ao Primeiro de Maio, que em geral contavam com um número maior. As páginas eram

organizadas em cinco colunas com artigos de opinião, noticiário e espaço para propaganda de livros e eventos, sendo que outros tipos de propaganda eram estritamente proibidos.

A edição dedicada ao Primeiro de Maio de 1909, apesar da campanha realizada na edição anterior, em prol da arrecadação de fundos para uma publicação maior e mais detalhada, foi publicada com apenas quatro páginas, porém com vários textos alusivos à data. Já em sua primeira página, aparecia uma nota de convocação aos operários para que comparecessem à manifestação que seria realizada no mesmo dia, conclamando:

Operários!

A federação operária do Rio de Janeiro comemora hoje o 1º de Maio com uma manifestação pública que partirá da sua sede, Rua do Hospício, 144, á 1 hora da tarde, indo, depois percorrer várias ruas, até o Largo de S. Francisco onde se realizará um comício [...] (*A Voz do Trabalhador*, 1º/05/1909: 1)

Os editores, ainda na mesma edição, procuravam reforçar o significado da data para o operariado, apresentando os elementos que constituiriam sua criação como uma data universal do trabalhador. Segundo o articulista o dia deveria ser:

[...] dedicado à confraternização do operariado universal. Todos que trabalham devem considerar esta data a maior que o ano possui, porque ela não só lembra o sangue das vítimas de Chicago, como prova que a burguesia rústica e ignóbil, tem praticado todas as misérias na sociedade atual.

Todas as misérias sim, porque ao operário é negado aquilo que lhe pertence de direito. Não se lhe faz justiça, sacrifica-se-lhe por protestar contra a ambição do potentado, enfim, ele é a vítima dessa fúria hedionda. [...] (*A Voz do Trabalhador*, 1º/05/1909: 1)

O jornal convocava a todos os operários para reivindicarem os direitos que lhes foram privados, defendendo a necessidade de demonstrarem o seu descontentamento por toda a miséria que invadia seus lares.

As imagens foram consideravelmente utilizadas pela imprensa anarquista, pois “*em um momento em que a maioria dos operários, era analfabeta ou desconhecia a língua portuguesa por terem origem estrangeira à imagem passou a ser um importante instrumento de educação política por facilitar a transmissão da mensagem ao leitor*”. (GAWRYSZEWSKI, 2009: 19) Em outras palavras, devido à facilidade de transmissão da mensagem ao leitor, a imagem fornecia um atrativo especialmente para os trabalhadores semi-analfabetos ou analfabetos, os quais se utilizavam dessa imprensa em leituras coletivas. As imagens não funcionavam “*apenas como uma ilustração complementar ao discurso verbal, mas também como uma outra linguagem para a expressão dos mesmos ideais que permeavam a ação libertária*.” (AZEVEDO, 2002: 170)

As imagens, em geral, eram publicadas na primeira página do jornal podendo ocupá-la por inteira, como é o caso da imagem que será analisada no trabalho (ver figura 1 em anexos). A alegoria foi publicada em Primeiro de Maio de 1913, nela um trabalhador era representado com os punhos cerrados e olhando para o horizonte, onde o sol nascente remetia ao surgimento da nova era de um novo porvir. Este novo porvir é assinalado pela liberdade, que somente será possível através da união dos trabalhadores. Ou seja, legendas eram utilizadas para reforçar o discurso que se pretendia passar.

O trabalhador anda sobre os escombros do passado destruído. Os escombros são representados pelas instituições, que segundo os líderes libertários, são exploradoras do proletariado: a Igreja, o capitalismo, a burguesia, o militarismo e aristocracia.

A alegoria apresenta o trabalhador musculoso e de peito nu, que representa o símbolo da união e da consciência operária. As algemas rompidas, ao mesmo tempo em que representam

a disposição para luta e o sinal de uma mente liberta e revolucionária, fazem menção à ruptura com a escravidão, devido sua condição de vida e trabalho.

Outro elemento importante é o fato do trabalhador utilizar, como meio para destruir a ordem burguesa, seu instrumento de trabalho, representado pela marreta. Os instrumentos de trabalho, ao mesmo tempo em que simbolizavam os meios de luta de que o operariado dispunha, apelavam para a idéia da ameaça, pois não apareciam manchados de sangue, a violência era, dessa forma, apenas o indício de um recurso disponível, caso fosse necessária a resistência às forças contrárias à transformação.

Além de símbolos do ideário anarquista, como o punho cerrado e o sol nascente, poemas e textos também eram utilizados para complementar e reforçar a explicação pretendida pela imagem. No exemplo aqui analisado a imagem é acompanhada de um poema de autoria de Max de Vasconcelos. Nele é exaltada a origem e o significado do Primeiro de Maio. Este será citado na íntegra, para melhor compreensão:

Dia grande e cruel à memória operária,  
Hinos brancos de Paz, hinos rubros de Guerra,  
A Bandeira do Amor que se fez incendiária...

Data fatal que em si ao mesmo tempo encerra  
A promessa do Bem ao coração do Pária  
E juramentos de Ódio aos senhores da Terra!

Olhar perdido além, num horizonte vago,  
Num sonho em que se vê o Mundo Comunista,  
Ou se lembram talvez os mortos de Chicago!

Grande dia miliário à suprema conquista  
Da Paz Ideal onde se esplaina o Lago  
Verde-azul da Concórdia a consolar a vista...

Calendimaio! o Sol que te ilumina seja  
O último a iluminar as grades da Prisão,  
Os muros do Quartel e as fachadas da Igreja;

E amanhã, ao brotar do grande Astro o clarão,  
Que aos seus raios triunfais o Homem por fim se veja  
Sobre a Terra, a cantar, liberto do patrão!..  
(Max dos Vasconcelos, *A Voz do Trabalhador*, 1º/05/1913)

O Primeiro de Maio no Brasil durante a Primeira República, inicialmente foi comemorado como festa do “trabalho”, fato amplamente criticado pelos anarquistas, pois, segundo eles, ao festejar a data o trabalhador estava desvirtuando-a de seu verdadeiro significado. Segundo *A Voz do Trabalhador* isso ocorria porque os trabalhadores desconheciam a verdadeira origem da data:

[...] Erroneamente e isso por desconhecerem a verdadeira causa que deu margem ao 1º de Maio, grande número de operários o festejam. Por interesse, por bajulação, como um pretexto para salamaleques, muito indivíduos, exploradores do operariado preparam grandiosas festas, ruas embandeiradas, foguetórios, musicadas tudo enfim para desvirtuar a origem desta data e distrair o trabalhador, pois bem sabem que enquanto ele vai deixando explorar ingenuamente vão os *amigos dos operários* gozando sem preocupações com o dia de amanhã. (*A Voz do Trabalhador*, 1º/05/1913: 2)

Para as lideranças operárias o dia ideal seria dividido em três partes iguais, uma parte destinada ao trabalho, outra ao lazer e ao estudo e finalmente uma parte para o merecido repouso. No caso brasileiro, este ideal aparece no jornal *A Voz do Trabalhador* com o título



de “*Fadiga e o dia de oito horas*”, na edição dedicada ao Primeiro de Maio de 1913, fazendo referência aos três oitos:

“Entre as reivindicações que os operários organizados de todos os países põem na ordem do dia, encontra-se a diminuição das horas de trabalho que eles, no geral, reduzem a oito, formando a já celebre jornada dos *Três Oito*: oito horas de trabalho, oito horas de sono e oito horas de recreio. [...] (A *Voz do Trabalhador*, 1º/05/1913: 4)

Nas edições que seguiam a do Primeiro de Maio, era feito um balanço das manifestações da data, em 15 de maio de 1913, o periódico trouxe informações a esse respeito, noticiando que, apesar de todas as barreiras, o Primeiro de Maio foi comemorado no Rio de Janeiro como exige a sua origem, dando-lhe um caráter verdadeiramente revolucionário.

Segundo o jornal, uma numerosa multidão compareceu ao comício, que se realizou no Largo São Francisco na comemoração do Primeiro de Maio de 1913 com a distribuição de um conciso manifesto explicando a origem do Primeiro de Maio, aludindo à data, “falaram Luiz de França, Cecílio Vilar, Demetrio Minhana, Zenon Budazewiski e Edgar Leuenroth, que vindos de São Paulo, expuseram a situação horrível dos trabalhadores.” Após o término do comício, e quando a multidão se havia em grande parte dispersada, foi promovido um tumulto que resultou com a prisão de Edgar Leuenroth que, dias depois, foi posto em liberdade ante o protesto popular que tomava vulto. (A *Voz do Trabalhador*, 15/05/1913: 2)

O editorial, na edição especial de Primeiro de Maio de 1914, reforçava o significado que a data deveria ter para o operariado consciente, pois, segundo o jornal devido a sua condição de escravo não haveria motivo para festejar o trabalho, somente poderiam festejar a data quando tivessem conquistado seus direitos.

Na mensagem publicada o caráter festivo deveria ser deixado de lado assumindo o trabalhador uma consciência de luta, pois mesmo com a República os direitos prometidos não se cumpriram, restando aos operários somente sua disposição e braço para luta:

[...] O operário, que é o braço forte do progresso de todas as nações, que impulsiona o comércio e a indústria, que constrói os portentosos palácios, que tudo movimenta e edifica, vai-se compenetrando da sua importância nas sociedades modernas. [...] não deve ser transformado em dia de festas estrondosas, sob pena de perverter o seu verdadeiro caráter de reivindicação. (A *Voz do Trabalhador*, 1º/05/1914: 2)

A edição de 1915 foi à última publicação alusiva ao Primeiro de Maio de *A Voz do Trabalhador*, em oito de julho de 1915 o jornal encerrou suas publicações definitivamente.

A edição daquele Primeiro de Maio seguiu com o inflamado discurso de protesto contra a sociedade vigente, exploradora do sangue operário, na qual o capitalismo e o burguês aparecem associados a características animalizadas, o artigo publicado é extenso na tentativa de não deixar nenhuma dúvida sobre o significado da data, bem como das condições do trabalhador e a ambição do patrão que “suga o sangue operário”, tornando o operariado vítima da sociedade capitalista, o texto será citado quase em sua íntegra:

Um ano mais em que chega esta data comemorativa, e os explorados de toda a vida continuam entregando a hiena capitalista o seu suor, a sua vida e o porvir de seus filhos, um porvir tão negro como a mesma miséria eternamente instalada nos nossos lares, como caracteres alarmantes, semeando a tuberculose com toda a sua força de infiltração horripilante. [...]

Um ano mais em que o eterno grupo de homens conscientes derramam às mãos cheias a semente fecunda da rebeldia, preparando a grande colheita emancipadora, e a terra que recebe essa semente, plena de abrolhos e de joio político, estéril, nega-se a fecundar o “ventre” (leia-se a Revolução) que há de dar à luz a integral liberdade dos homens escravizados nesta sociedade hipócrita, mãe da burguesia exploradora e ruim madrasta dos que trabalham e não comem.

Um ano mais em que a burguesia, insaciável de ouro, explorou impunemente grandes legiões de escravos modernos, atentando contra a legítima propriedade dos nossos braços, e ainda sem ter em conta que a grande massa proletária jamais sentiu satisfeita as suas necessidades estomacais. [...] (*A Voz do Trabalhador*, 1º/05/1915: 3)

O texto finaliza convocando os trabalhadores a “engrossar as filas do exército proletário”, pois somente com a união o “polvo social que cravando seus tentáculos no lar operário, deixando semeadas a miséria, a tuberculose, a prostituição e a ruína, pode ser derrotado”. (*A Voz do Trabalhador*, 1º/05/1915: 3) A edição de 1915 enfatiza a importância da união dos trabalhadores, vítimas da sociedade burguesa, que somente com ela o Primeiro de Maio poderia alcançar seu verdadeiro significado de reivindicações e conquistas.

### ***Considerações Finais***

As comemorações do Primeiro de Maio no Brasil, durante o período analisado, foram caracterizadas por divergências, tanto em sua interpretação quanto na forma de marcar e comemorar a data, porém todos pareciam entender que o dia deveria ser dedicado à exaltação do operariado com passeatas e comícios.

Os sindicalistas revolucionários, por meio de seu veículo de imprensa *A Voz do Trabalhador*, se preocuparam em ensinar ao operariado o que para eles seria o verdadeiro significado da data, buscando no passado do movimento operário sua legitimação, defendendo que o dia deveria ser dedicado a paralisações, greves, reivindicação, condenando a forma como os “operários inconscientes” comemoram a data, por desconhecerem o seu verdadeiro significado ou então por serem enganados pelas versões festivas dos grupos socialistas.

O periódico *A Voz do Trabalhador* representou um importante instrumento de informação operária e propaganda libertária, destacando-se entre os jornais operários que foram publicados na Primeira República, em um período onde o movimento de contestação da ordem capitalista estava crescendo no meio operário. Em suas edições, alusivas ao Primeiro de Maio ou não, a presença de texto trazendo informação do movimento operário nacional e notícia de outros países é constante, mostrando o esforço da Confederação Operária Brasileira de unir as instituições e sindicatos por todo o país. Neste esforço o jornal era encaminhado a todos os sindicatos que solicitassem exemplares, não somente os localizados no Rio de Janeiro.

A imprensa libertária ocupou um lugar de destaque dentro do movimento operário, por propagar seus ideais libertários, pois, segundo a concepção anarquista, somente com a educação seria possível atingir a reforma social.

Como mencionado, o “verdadeiro significado” da data, defendido pelos anarquistas era o luto pelos “Mártires de Chicago”, os sindicalistas revolucionários não mediram esforços para se colocarem contra as tentativas de apropriação, realizadas por grupos que, segundo eles, desvirtuavam sua “verdadeira origem”, da mesma forma que condenavam a “festa” do trabalho.

O Primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado em 1906, foi um marco importante na conscientização dos trabalhadores a respeito da maneira, segundo a visão anarquista, de marcar a data, enfatizando seu caráter reivindicatório e de luta em prol dos trabalhadores.

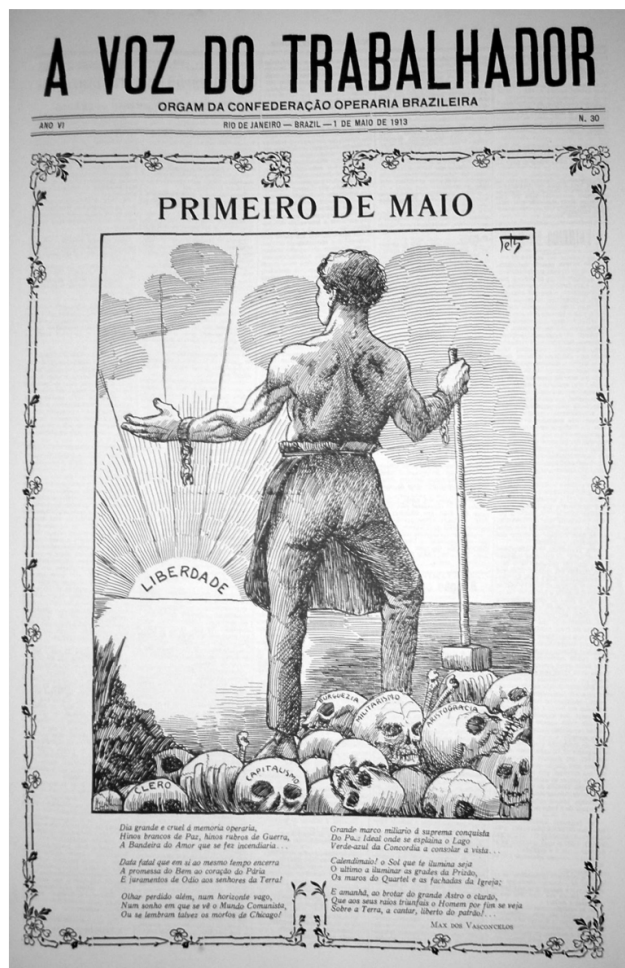
A greve geral que marcaria a data, para os anarquistas, deveria ter hora para começar, mas não para acabar, pois acreditavam que deveriam abandonar às ruas somente após conseguirem ter suas reivindicações aceitas.

Ou seja, os anarquistas acreditavam que a data deveria ser marcada por greves, manifestações em favor de melhores condições de vida do trabalhador, um dia de revolta. Sendo assim, o Primeiro de Maio, mesmo apresentando divergências em torno da sua forma

de representação, significou um dos mais importantes momentos de expressão e ampliação da consciência de classe, presente especialmente nos setores mais organizados do operariado.

## Anexos

### Figura 1



*A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 1º de maio de 1913: 1  
Versão Fac-similar – CDPH/Universidade Estadual de Londrina

## Bibliografia

**A Voz do Trabalhador**: Órgão da Confederação Operária Brasileira: coleção fac-similar de 71 números, 1908-1915. Prefácio de Paulo Sérgio Pinheiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. Secretária da Cultura: Centro de Memória Sindical, 1985.

ARÊAS, Luciana B. As comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro (1890-1930). **História Social**, IFHC/UNICAMP, n. 4/5, 1997/1998.

AZEVEDO, Raquel de. **A Resistência Anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002. (Coleções Teses e Monografias, vol. 3).



BATALHA, Cláudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves (Org.). **O tempo do liberalismo excludente**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 161-189, 2003 (O Brasil Republicano, v. 1).

BATALHA, Cláudio H. M., SILVA, Fernando T., FORTES, Alexandre (orgs). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, SP: Edunicamp, 2004.

BATALHA, Cláudio H. M. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

BILHÃO, Isabel. “Dia de festa ou dia de luto: Viva o Primeiro de Maio”. In: **Identidade e trabalho: uma história do operariado porto-alegrense (1898-1920)**. Londrina: EDUEL, 2008.

BILHÃO, Isabel. A Visão anarquista do Primeiro de Maio: dia de luto e luta. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). **Imagens anarquistas: análises e debate**. - Londrina: UEL, 2009.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular – História e Imagem**. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos Bauru-SP: EDUSC, 2004.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social**. Rio de Janeiro – São Paulo: Difel, 1977.

FERREIRA, Maria Nazareth. **A Imprensa Operária no Brasil 1880-1920**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. A imagem como instrumento de luta anarquista. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). **Imagens anarquistas: análises e debate**. - Londrina: UEL, 2009, p. 11-42.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria nem patrão!: Memória operária, cultura e literatura no Brasil**. 3ª Ed.rev. e ampl. - São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Trad. Denise Bottmann .Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PETERSEN, Sílvia R. F. **Origens do 1º de maio no Brasil**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS - MEC, 1981.

PINHEIRO, Paulo S; HALL, Michael M. **A Classe Operária no Brasil, 1889-1930, documentos**. São Paulo, Alfa-Ômega, v. 1,1979.

ROSSI, Giovanni. **Colônia Cecília e outras utopias**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2000.

TOLEDO, Edilene. A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. (Org.). **A formação das tradições (1890-1945)**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007, v. 1, p. 53-87.

WOODCOCK, George. **História das idéias e movimentos anarquistas – v.1: A Idéia**. Trad. de Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2002.

\_\_\_\_\_. **História das idéias e movimentos anarquistas – v.2: O movimento**. Trad. de Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2002.

---

\* Pós-graduado em nível de especialização em História Social e Ensino de História pela Universidade Estadual de Londrina. Mestrando do programa de História Social também pela Universidade Estadual de Londrina.